



A ROSA

CURIOSA

Por VENUTRA

Vou contar-vos um percalço
Que teve a criada Rosa
Em casa de Dona Justa,
— Por andar de pé descalço
E ser muito curiosa
Aprendeu à sua custa!

Se subia o patamar,
Quando voltava da praça
com as compras do almôço,
Sempre havia de escutar!
— Não é coisa que se faça,
E desculpá-la não posso!...

Se a senhora, pressurosa,
Tinha de ir para a saleta
Receber uma visita,
— Logo a Rosa, curiosa,
la pôr-se d'ôlho à espreita
Numa postura esquisita!

Andaya pé, ante pé,
De nariz sempre no ar

E de ouvido à escuta... Em suma
De tudo qu'ria dar fé!
— Este vézo de escutar
Não tem desculpa nenhuma!

Dessa vez, 'stava a criada
naquela dita postura,
Tão feia, tão esquisita,
Com a cabeça encostada
Ao ôlho da fechadura
A espreitar uma visita.

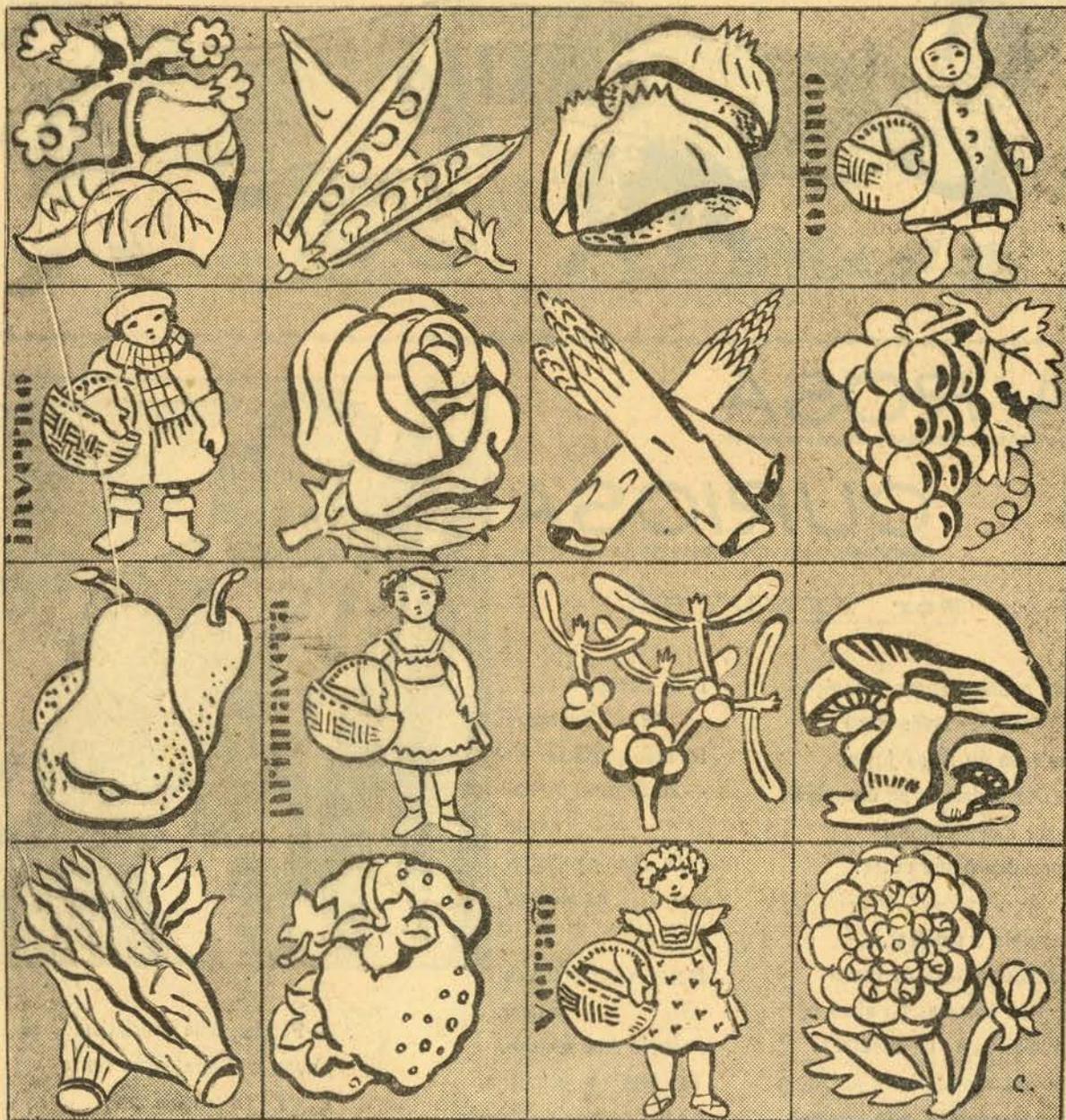
Nisto vem, com muita pressa.
A correr, e empurra a porta,
A menina Beatriz.
— Apanha-a pela cabeça
Pondo-a quási semi-morta
A sangrar pelo nariz,



— Fez-lhe uma brecha medonha,
Levou três pontos na testa
E foi p'ra casa da mãe!
— Meus meninos, que vergonha!
Faltas assim, como esta,
Não as desculpa ninguém.



■ O JÔGO DAS 4 ESTAÇÕES ■



Pequeninos leitores, tendes aqui 16 quadradinhos que representam a pequenina Mimi na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno, entre os legumes, as frutas e as flores que a acompanham durante as diferentes estações do Ano.

Colori tudo cuidadosamente e, em seguida, recortai todos os quadradinhos, de modo a formarem um pequeno baralho de 16 cartinhas. Colai cada quadrado numa cartolina e eis o vosso jôgo pronto a começar.

1.º—Experimental fazer 4 pequenos macinhos e tentai conseguir as três cartas que acompanham Mimi, através das estações. Vêde se podéis inscrever sobre as cartas todos os nomes e marcar entre-parenteses a que estação pertencem, conforme a indicação que publicamos no fim.

2.º—Se vós sois três ou quatro, distribuí as cartas e jogai ao «jôgo das estações», isto é experimental reconstituir uma série completa.

Para isso, o jogador A diz, por exemplo, ao jogador B:— «Eu queria castanhas»—Se o jogador B as tem, ãle é obrigado a dar-lhas; se as não tem, é a sua vez de perguntar o que lhe falta, até que se ãle engane, etc., etc. Ganha, claro está, aquele que se desembaraçar mais depressa das suas cartas e forme sobre a mesa uma série completa relativa a uma das estações.

Primaveras (P) Ervilhas (V) Castanhas (E) Rosas (V) Espargos (P) Uvas (O) Peras (V) Cogumelos (O) Agático (E) Endívia (E) Morangos (P) Dális (O).

UMA ALMOFADA EM FÊLTRO APLICADO

Por ARLETE LOPES NAVARRO

Apresento às minhas amiguinhas esta almofada fig. 1 para ser feita em setim. As tiras escuras são em veludo preto e o desenho é feito em fêltro. Compre as minhas pequeninas alunas 10 centímetros de fêltro encarnado e 40 centímetros de fêltro amarelo. O pato é feito em amarelo. O bico em amarelo mais escuro e o chapéu e laço do pescoço em encarnado; primeiramente coloca-se sobre um bocadinho de pano a parte amarela e, em seguida, o chapéu sobre o patinho, conforme indica o desenho, tendo bordado primeiramente umas florinhas a azul pálido na aba.

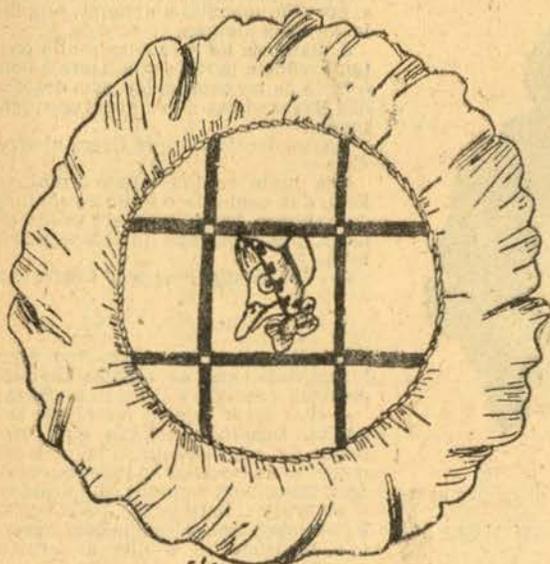


FIG. 1

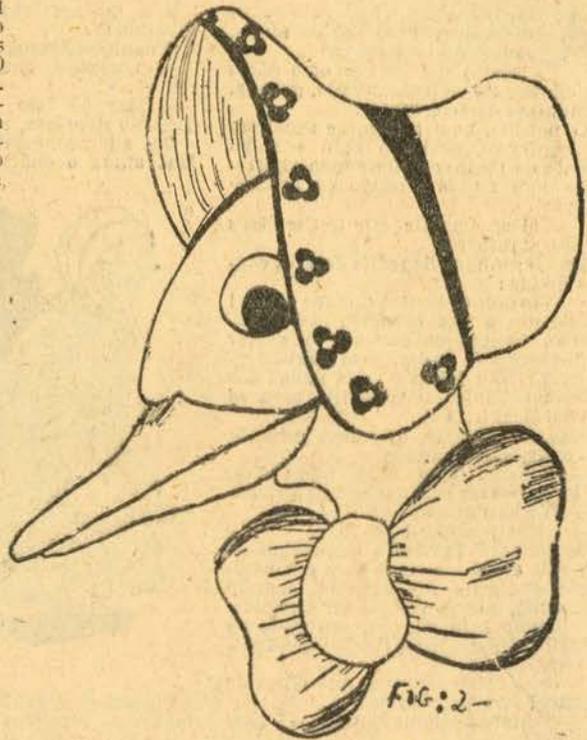
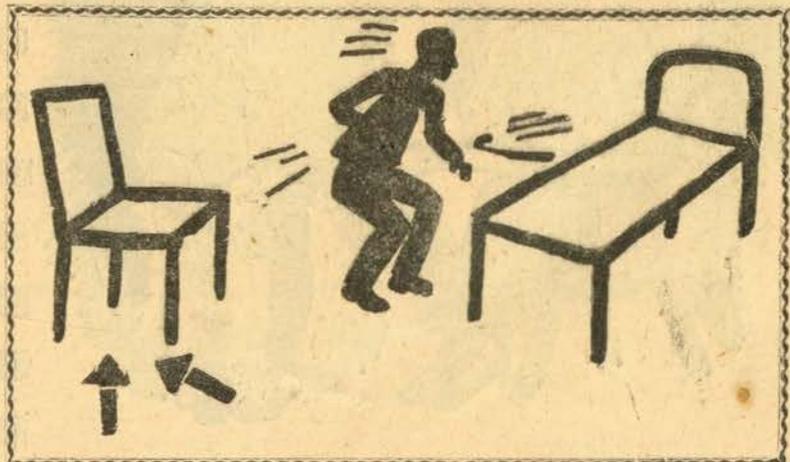


FIG. 2

do chapéu. Experimentem fazer esta almofada e verão como ela fica simples e graciosa.

O QUE FAZ ÊSTE DOENTE?

Amiguinhos, fixai a vista nas duas setas desenhadas por baixo da cadeira. Conservai nelas os olhos fixamente e, pouco a pouco, aproximaí o papel até que o vosso nariz lhes toque. O doente que havia sido atacado de uma dôr violenta, entre a cadeira e a cama, senta-se, de súbito, na cadeira. Vê-lo-eis nitidamente com a mão sobre o estômago, um pouco inclinado, sentando-se com lentidão.



OS PREGOS e a MADEIRA

por FELIZ VENTURA

PARA fechar um caixote sem fendas e sem ranhuras, foram ao sótão buscar pregos de várias grossuras.

Ora, entre todos, havia uns muito grossos, trombudos, que passavam todo o dia a falar com ironia duns outros pregos miudos.

Troçavam do seu tamanho, dizendo com arrogância:

— «Nós somos fortes e belos nada nos pode igualar. Até a nossa elegância tudo, aqui, quer imitar!» Mal sabiam estar perto o momento em que o Destino havia de os castigar.

Foi assim. Mal o martelo se pôs *toc, toc*, a bater, logo a madeira, zangada, diz com a voz aflautada:

— «Não vê que está a fazer?!...»

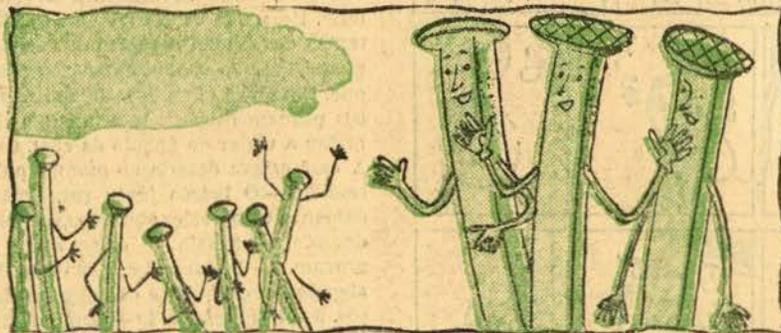


Assim, com tanta pancada em pregos de tal tamanho, note bem:— não tarda nada que não me ponha rachada.»

E tiveram que ir buscar os pregos que eram miúdos; os que não tinham valor, p'ra que a obra desejada, logo depois de acabada, ficasse mesmo um primor.

Do pequeno não te rias. Nunca mostres arreganho. Que o valor duma pessoa Não se mede p'lo tamanho.

F i m



Concurso de legendas a prémio

Publicamos, hoje, a poesia premiada no «CONCURSO DE LEGENDAS» relativas à última fábula muda que publicámos, não tendo sido atribuído prémio algum no Concurso anterior, por ter entendido o Júri nenhum dos concorrentes o haver merecido.

A FORMIGA e o ESCARAVELHO

Um dia uma formiguinha, vendo num ramo cimeiro uma fruta madurinha, viu logo que lhe convinha, levá-la para o celeiro.

Ao ver passar certo bicho, espécie de escaravelho, que saíra do seu nicho: —o caixotinho do lixo, logo lhe disse: — «Meu velho,

Você que tem asas, que é ligeiro, ágil, arguto, seja amável... Corte o pé daquele excelente fruto, que eu dou metade a você».

Dito e feito. O bicharoco vòu ao ramo e corta rente o fruto que, dentro em pouco, tomba sob o bicho louco, sôbre a pobre imprevidente.

Dêste continho a moral bem depressa acode à ideia: — Cada um só por si vale! E' quasi sempre fatal confiar na força alheia!

António Pedro Ferreirinha

MICROBIOLANDIA



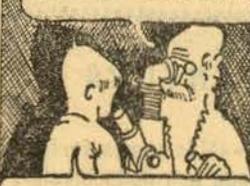
ENTRETANTO

O Avôzinho! Estou a ver a-
quele microbio que vimos pe-
la primeira vez. Vá a passear
com o "MICROBIO".
Se colher e a namorada dele.

Vou chamar-lhe o **PEREQUE**
TO Nº 1



Pois EU Tenho estado a ver
a cidade dos preguiçosos
e eles prepararam uma
partida aos irrequeiros.

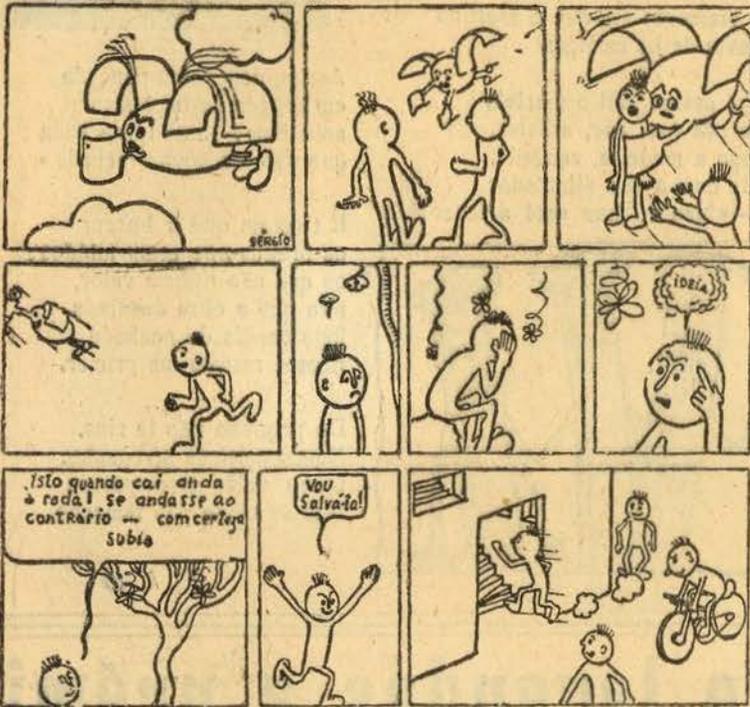


SEMPRE QUERO VER COMO
ELES SE LIVRAM...

**UM ROUBO FOI
PRATICADO**

**Solução do problema
anterior**

1—Um só ladrão. 2—Um homem.
(Grandes passadas no jardim). 3—Para
entrar em casa, ele desceu a escada
de socorro do prédio contíguo que dá
acesso ao telhado da casa roubada.
Partiu o postigo e penetrou nas «águas-
furtadas». 4—Aí, o ladrão encontrou
um alcapão que dava para o quarto de
dormir. Do quarto passou para a sala
contígua, onde se encontra o cofre
forte. Escondeu os documentos impor-
tantes e alcançou o quarto de dormir,
para fugir. 5—O ladrão entrou sôz-
inho. Teve por cúmplice uma mulher.
(Os pequenos passos indicam que ela
andou a vigiar no ângulo da rua). 6—
A casa estava deserta no momento do
roubo. 7—O ladrão fugiu principita-
damente. Os objectos abandonados, em
desordem, na sala do cofre, assim o
provam. 8—Documentos; visto que ele
abandonou dinheiro e objectos precio-
sos. 9—Um martelo. 10—Com o auxí-
lio da escada, o ladrão desceu pela
janela do quarto de dormir, saltando
para o jardim e dirigindo-se, contor-
nando a casa, para o muro da estrada.
Com a escada, alcançou a rua. A sua
cúmplice esperava-o aí. 11—Partiram
juntos. (Grandes e pequenas passadas).



(Continua na página seguinte)

DIZE-ME COM QUEM ANDAS

por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

AS tardinhas, a garotada da
aldeia juntava-se no ter-
reiro.
Havia ali de tudo: bom e
mau.
O Chico era um dos
piores.
Esperto e insinuante, as suas idéas
diabólicas levavam muitas vezes os
outros a cometer feias acções.
Era com tal arte que o maroto os
mal encaminhava, pois, por mais que
avisassem os filhos de que se preca-
vassem contra ele, todos caíam nas
maldades architectadas pelo demonico.
Nesse dia, trincando um pêssego,
insinuou com ar velhaco:
—Tenho pena de não ter podido
apanhar alguns para vocês... Estavam
muito em riba, no pomar da herdade.
Os pêssegueiros do Tomé é que têm
cada um! São como melões!... E, com
o peso que fazem nos ramos, ficam
baixos. Aquilo é fácil... E sempre era



(Continua na página seguinte)

uma partida! O forreta do velho não os vende, nem os dá!... Só se forem roubados... A cara de parvo que ele havia de fazer, quando visse a árvore depenada!...

E ria... ria, o malvado!
Os companheiros faziam córo com ele, muito divertidos à lembrança do Tomé com o seu nariz vermelho, as suissas grisalhas e os olhos esboga-lhados de espanto, em frente do pesse-gueiro que deixara chefinho de frutos e lhe aparecia naquela desolação.

Até à hora de recolher, o Chico não se calou.

— «É pena — (dizia ele) — que ne- hum de vós se atreva. O que a gente havia de rir! Eu já lá fui às ameixas e sai-me como um catita. Trouxe uma data. Não se lembram?»

Depois, voltado para o Joaquim que o ouvia muito interessado: — Desta vez, podias tu lá ir. Aquilo faz-se num instante. E' questão de coragem. Amanhã, à tarde, já comíamos aqui pêsse-gos do Tomé. Que dizes a isto, hein?»

A caminho de casa, o Joaquim ia pensativo, meditando nas palavras ten- tadoras do Chico.

— «Porque não havia de se arriscar à proeza? O caso não lhe parecia assim tão difícil...»

E não pensou mais noutra coisa. Nem dormiu de noite.

No dia seguinte, por volta do meio- dia — hora do descanso dos trabalha- lhadores — pegou num cesto velho, embrulhou-o num trapo e ele aí vai, estrada fóra, com passos leves, cau- telosos.

Chegado à propriedade, procurou no muro um buraco muito grande, onde coubesse. Por ali se meteu a muito custo, arranhando pernas e mãos.

Mas era preciso ter ânimo. Não desistir... O que diria o Chico!...

Quando se apanhou do outro lado, pôs o ouvido à escuta.

Muito ao longe, ouviu vozes de tra- balhadores, que deviam estar a comer para os lados das oliveiras.

O pomar era perto. Encheu-se de coragem.

Pé ante pé, encaminhou-se para lá. Logo lhe deu nas vistas um belo pessegueiro carregado de pêssegos.

Sem mais hesitações, arrancou todos os que lhe ficavam a jeito.

Já o cesto estava quasi cheio, quando um ladrido ameaçador o assa- rapantou.

Um grande canzarrão, de bôca es- cancarada, apareceu correndo.

Tomado de susto, o Joaquim desa- tou a fugir.

— «Aó! Aó! Aó!...» Fazia o cão atrás dêle. E logo alguém gritou: — «Eh, lad- rão! Eh, ladrão!»

Assim perseguido, o rapaz chegou ao muro e ia meter-se pelo buraco, como fizera para ali entrar, mas o animal ainda teve tempo de o filar pelas calças, ficando com um pedaço na dentuça.

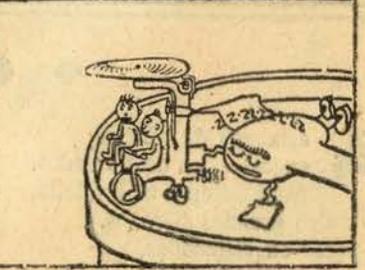
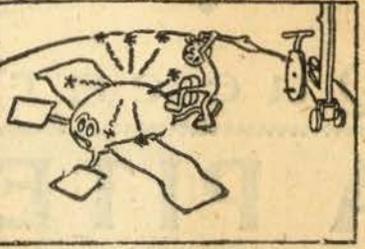
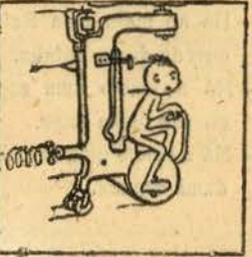
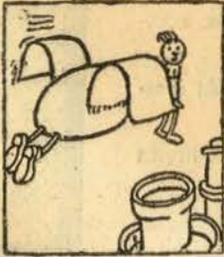
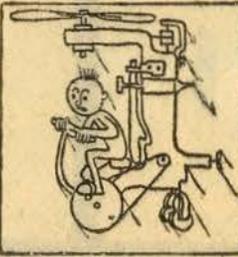
Dorido, ensanguentado, o Joaquim, depois de lutar valentemente com o cão, conseguiu passar para a estrada.

Sempre correndo, num galope, che- gou, finalmente, a casa.

A mãe ainda não voltou do rio. O pequeno atirou-se para cima da cama.

All se conservou, transido de medo, à espera do que iria suceder.

Dai a bocado, ouviu a mãe abrir a porta e dizer para fóra, indignada: — «Escusa de teimar. O «mê» Joaquim não era capaz duma dessas! O tio Tomé está enganado.»



A mesma voz que o chamara ladrão, bradou furiosa: — «Isso é que nós vamos ver. Trago aqui o bocado de fazenda que ficou nos dentes do meu cão. Não é das calças do Chico nem do Agostinho, os atrevidos que costumam ir à fruta...»

Aos ouvidos do Joaquim, enrodi- lhado sobre a cama, a chorar de arrependimento, souu a voz amargu- rada da mãe, murmurando, numa an- gustia: — «Vocemecê tem razão! Essa fazenda é a das calças do meu filho.

Que vergonha, Santo Deus! Tenho um filho, ladrão! Sempre sou muito in- feliz! A pobre mulher desfazia-se em pranto.

O seu desgosto abrandou a cólera do Tomé.

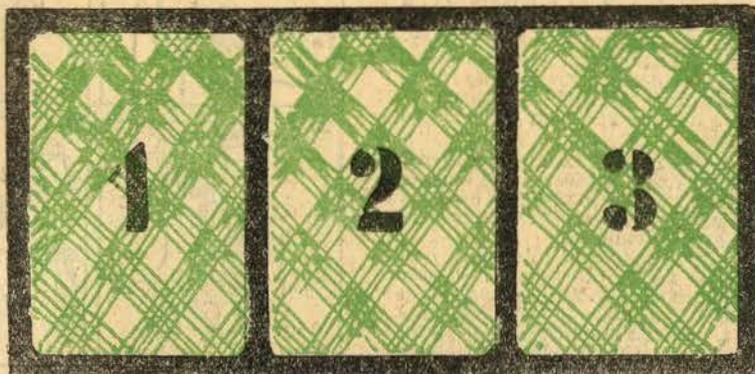
— «Bem! Bem! — disse-lhe compas- sivo. — Cale a boca... Não diga nada ao seu homem. Desta vez, o rapaz está perdoado. Mas dou-lhe um conselho: êle que fuja das más companhias. Ou eu me engano muito ou o velhaco do Chico andou metido nisto...»

Estas palavras e o desgosto da mãe foram remédio santo para emendar o Joaquim. Nunca mais procurou companhe- ros ruins que o iam tornando o ente mais desprezível do mun- do: — Um ladrão!



EIS AQUI 3 CARTAS VOLTADAS

- a) — Há no meio uma Rainha à direita dum Rei.
 b) — Há no meio uma Rainha à esquerda duma Rainha.
 c) — Há no meio uma espada à esquerda duma copa.
 d) — Há no meio uma espada à direita duma espada.



Que cartas são estas?...

A PITEIRA e a SILVA

Por LAURA CHAVES

A azinhaga da Ribeira, seguia entre dois valados. Num nascera uma piteira, no outro grandes silvados. A-pesar da vizinhança, porque estavam frente a frente, era com desconfiança que se olhavam mutuamente.

Quando a piteira deu figos com grandes bôcas a abrir, os silvados inimigos puseram-se logo a rir... Quando as amoras nasceram, depois tornaram-se escuras, por fim, prêtas se liseram porque já estavam maduras...

Chegou a vez da piteira desatar à gargalhada numa grande chuchadeira, numa troça malcriada. E se alguém que ali passava, roubava à piteira um figo, logo o silvado gritava: — «Toma cautelinha, amigo, não lhe pegues com a mão que é coisa endemoninhada e pica mais que o ferrão duma abelha derramada.»

Se um garoto ia ao silvado para uma amora apanhar, logo a piteira, num brado, começava a aconselhar: — «O rapaz, toma cautela, vê lá bem no que te metes! Vais ficar numa mazela que a silva tem alfinetes!»

É que a piteira não via que os seus figos tinham bicos e a silva não percebia que estava cheia de picos.

É matemático, é certo isto que sempre acontece: Seja parvo ou seja esperto nunca ninguém se conhece.

